

**MANOEL
DE BARROS**

**O GUARDADOR
DE ÁGUAS**

ALFAGUARA

ALFAGUARA



Copyright © 1989, 2017 by herdeiros de Manoel de Barros

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Organização das fotos e documentos
Martha Barros

Curadoria
Italo Moriconi

Auxiliar de pesquisa
Tania Freire

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica
Regina Ferraz

Imagem de capa
Martha Barros, *Passeio no azul*, 2015, acrílico sobre tela, 34 x 27 cm
reprodução de Jaime Acioli / Coleção particular

Créditos das imagens
Todas as fotos e documentos reproduzidos no livro pertencem ao
acervo pessoal do autor, exceto a imagem da p. 94, gentilmente cedida
por Douglas Diegues.

Textos de contracapa e orelha
Italo Moriconi

Revisão
Fernando Nuno
Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barros, Manoel de, 1916-2014
O guardador de águas / Manoel de Barros. – 1ª ed. – Rio de Janeiro : Alfaguara, 2017.

Bibliografia
ISBN 978-85-5652-045-6
1. Poesia brasileira I. Título.

17-04199

CDD-869.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira 869.1

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORAS SCHWARZ S.A.
Praça Floriano, 19 — Sala 3001
20031-050 Rio de Janeiro RJ
Telefone: (21) 3993-7510
www.companhiadasletras.com
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/alfaguara.br
twitter.com/alfaguara_br

Um encontro (para se guardar) com Manoel 7

João Anzanello Carrascoza

O GUARDADOR DE ÁGUAS 11

O guardador de águas 13

Passos para a transfiguração 33

Seis ou treze coisas que eu aprendi sozinho 41

Retrato quase apagado em que se pode ver
perfeitamente nada 59

Beija-flor de rodas vermelhas 71

Cronologia 77

Fotografias e documentos 85

Relação de obras 95

Bibliografia sobre Manoel de Barros 97

Índice de títulos e primeiros versos 109

Um encontro (para se guardar) com Manoel

Eu disse: vim aqui só para falar de coisas miúdas, as grandezas do ínfimo, não se inquiete. Manoel sorriu: tenho doutorado em formigas, sente-se. Sentei. Duas cadeiras na varanda de sua fazenda no Pantanal. A distância infinita entre dois homens — e, para anulá-la, inesperadamente, uma ema cruzou, distraída, os nossos olhos. As garças e os tuiuiús só andariam pela sua obra, em bando, um pouco mais à frente. Difícil conversar sobre algo tão natural como a água e as suas criaturas com um poeta que fixou sua vida em terras alagadas. Como começar? Pela seca sinceridade: digo logo que apreciei o livro, estarei sendo fiel à verdade. Então, falei: bonito, bonito esse seu *O guardador de águas*, Manoel. E acrescentei: é um livro-riacho, e você aqui nesse aguacal... Manoel concordou, desimportante: é que só choveu na palavra onde eu estava. Nas páginas iniciais, você apresenta o Bernardo da Mata; gostei de ele encurtar as águas, eu disse. Manoel: e de encolher o horizonte em olho de inseto? Também, respondi, e de quando ele prende o silêncio com fivelas! Manoel atento ao azul arriscado a pássaro. E aqueles vidrinhos de guardar moscas?, perguntei. O poeta respondeu: trecos do Bernardo, nadifúndios dele. E seus, Manoel, eu pensei, mas não disse nada. Os passarinhos vinham pousar, sanfranciscamente, nos ombros de Bernardo: ele enriquecia a natureza com a sua incompletude. Ainda não possuía, em seus instrumentos de trabalho, um abridor de amanhecer. Mas era só o tempo de o mundo pegar lodo — e aí o ontem choveria no futuro. Retomei a conversa, curioso:

e esse Dialetô-Rã, do Bernardo? Manoel respondeu: é só linguagem escorregadia. Insisti: eu também me interesso pelas consoantes líquidas. Ele, quieto, só me mirava. Será que ele me árvore? Lembrei-me de um verso do livro, marcador nítido de sua poética: “O que desabre o ser é ver e ver-se”. Guardei para mim. Falei, apenas: Manoel, a primeira parte me lembrou *O guardador de rebanhos*, do Caeiro. Não só no título, mas na metafísica que ele não tem, como fechar o rio com trinco. Manoel aquiesceu: “O nada o aperfeiçoa”! E eu: não vale usar verso seu para escapar. Ele riu. A segunda parte, “Passos para a transfiguração”, você inseriu desenhos entre os poemas, foi a primeira vez, não é, Manoel? Ele não confirmou, nem desmentiu. Pensei em citar um dos versos das páginas seguintes: “Poesia é a ocupação da Imagem pelo Ser”. Pensei em mudar o rumo da conversa, perguntar sobre as borboletas, por que afinal adotam os lugares vazios? Mas resolvi saltar para as teorias de árvore. Quem te ensinou sobre elas, Manoel? Aprendi sozinho, ele respondeu, na prática das águas. Comentei: a quarta teoria é a minha preferida — “há nas árvores avulsas uma assimilação maior de horizontes”. O poeta fez um gesto de galho. Manoel, perguntei, a chuva é íntima só mesmo se o escuro umedece nosso corpo? Ele permaneceu num silêncio de águas paradas, fazendo jus a seus versos da penúltima parte: “Ao poeta faz bem/ Desexpliar —/ Tanto quanto escurecer acende os vaga-lumes”. Manoel, continuei, o dialeto coisal, larval, pedral, você descobriu quando leu Ovídio, não é? O poeta contemplava o céu, onde ocorria um incêndio de garças nas nuvens. Eu também desejava fugir daquela conversa,

queria conhecer ali, no seu trastal, a matéria líquida da vida — e de sua escrita. A poesia, ele diria mais tarde, é um inutensílio. Um beija-flor de rodas vermelhas voejou perto de nós e fechou o assunto, livrando-me de prosseguir ali, monumentando a sua obra. Educado, Manoel se levantou e propôs: vamos dar um giro, enfiar idioma nos mosquitos? Aceitei o convite e estendo-o a você, leitor: venha! Guarde-se nessa poesia, de águas e barros, ela engrandece as miudezas da vida.

João Anzanello Carrascoza

O GUARDADOR DE ÁGUAS

O GUARDADOR DE ÁGUAS

I

O aparelho de ser inútil estava jogado no chão, quase coberto de limos —
Entram coaxos por ele dentro.
Crescem jacintos sobre palavras.
(O rio funciona atrás de um jacinto.)
Correm águas agradecidas sobre latas...
O som do novilúnio sobre as latas será plano.
E o cheiro azul do escaravelho, tátil.
De pulo em pulo um ente abeira as pedras.
Tem um cago de ave no chapéu.
Seria um idiota de estrada?
Urubus se ajoelham pra ele.
Luar tem gula de seus trapos.

II

Esse é Bernardo. Bernardo da Mata. Apresento.
Ele faz encurtamento de águas.
Apanha um pouco de rio com as mãos e espreme nos vidros
Até que as águas se ajoelhem
Do tamanho de uma lagarta nos vidros.
No falar com as águas rãs o exercitam.
Tentou encolher o horizonte
No olho de um inseto — e obteve!
Prende o silêncio com fivela.
Até os caranguejos querem ele para chão.
Viu as formigas carreando na estrada duas pernas de ocaso
para dentro de um oco... E deixou.
Essas formigas pensavam em seu olho.
É homem percorrido de existências.
Estão favoráveis a ele os camaleões.
Espraiado na tarde —
Como a foz de um rio — Bernardo se inventa...
Lugarejos cobertos de limo o imitam.
Passarinhos aveludam seus cantos quando o veem.

III

Nascimento da palavra:

Teve a semente que atravessar panos podres, criames de insetos, couros, gravetos, pedras, ossarais de peixes, cacos de vidro etc. — antes de irromper.

Agora está aberto no meio do monturo um grelo pálido.

Não sabemos até onde os podres o ajudaram nessa obstinação de ver o sol.

Ó absconsos ardores!

É atro o canto com reentrâncias que sai das escórias de um ser.

Os nascidos de trapo têm mil encolhas...

P.S. No achamento do chão também foram descobertas as origens do voo.

IV

O que ele era, esse cara
Tinha vindo de coisas que ele ajuntava nos bolsos —
por forma que pentes, formigas de barranco, vidrinhos
de guardar moscas, selos, freios enferrujados etc.

Coisas

Que ele apanhava nas ruínas e nos montes de borra de mate (nos montes de borra de mate crescem abobreiras debaixo das abobreiras sapatos e pregos engordam...)
De forma que recolhia coisas de nada, nadeiras, falas de tontos, libélulas — coisas

Que o ensinavam a ser interior, como silêncio nos retratos.

Até que de noite pôs uma pedra na cabeça e foi embora.
Estrelas passavam leite nas pedras que carregava.
Vagou transpedregoso anos.

Se soube que atravessou Paris de urina presa.

Estudou anacoreto.

Afez-se com as estradas e o cheiro de ouro dos escaravelhos.

Um dia chegou em casa árvore.

Deitou-se na raiz do muro, do mesmo jeito que um rio fizesse para estar encostado em alguma pedra.

Boca não abriu mais?

Arbora em paredes podres.

V

Eles enverdam jia nas auroras.
São viventes de ermo. Sujeitos
Que magnificam moscas — e que oram
Devante uma procissão de formigas...
São vezeiros de brenhas e gravanhas.
São donos de nadifúndios.
(Nadifúndio é lugar em que nadas
Lugar em que osso de ovo
E em que latas com vermes emprenhados na boca.
Porém.
O nada destes nadifúndios não alude ao infinito menor
de *ninguém*.
Nem ao *Néant* de Sartre.
E nem mesmo ao que dizem os dicionários: *coisa que
não existe*.
O nada destes nadifúndios existe e se escreve com letra
minúscula.)
Se trata de um trastal.
Aqui pardais descascam larvas.
Vê-se um relógio com o tempo enferrujado dentro.
E uma concha com olho de osso que chora.
Aqui, o luar desova...
Insetos umedecem couros
E sapos batem palmas compridas...
Aqui, as palavras se esgarçam de lodo.

VI

Chega de escombros centopeia antúria.
Estrepe enterrada no corpo a lacraia
Se engrola
Rabeja rebola
Suja-se na areia
Floresce como louca...
Gerânicos recolhem seus anelos.
Está longe o horizonte para ela!

VII

Roupa-Grande aparece no trecho.
(Crianças não o diferenciam do ave joão-grande.)
Com seu enorme casaco ele encarde o crepúsculo.
Sabe os atalhos do chão.
Caminha espaceado, de metro em metro, como quem
planta mandioca na roça.
(Quem anda curto é carancho — ele diz; mas também
excreta curto.
Pato que guspe longínquo...)
Roupa-Grande alcandora mosca.
Com as mãos endireita Deus para ele.
O rio conta com os seus cuidados para descer as grotas
— conta
Com as suas bênçãos, com os seus escapulários...
Ele mexe com planta e com épocas.
Usa o Livro de São Cipriano contra lascívia, mal de
grotas, ferroadas de arraia etc.
(Ferroada de arraia é só encostar o lugar ofendido em
vaso de moça que o ferrão escurece...)
Um menino escaleno o acompanha.
Dorme no ombro dele um tordo arino.
Roupa-Grande fala de manso — como quem vai
passando por dentro de uma nuvem...
Sangue de anta bebe por mês: serve na guampa o
cor-de-rosa espumoso — a língua tomando espécie...
Conta que sangue de anta desempena traste de velho.
Tresconta. Ri sobre as gengivas.
É homem proposto ao escárnio.
Arremeda que vai esperar o crepúsculo mais adiante

E se equipa.
Uma árvore espera filhos dele.
Espessura de estrela o transparenta.